

# História das instituições escolares: desafios teóricos

## *History of school institutions: theoretical challenges*

José Luís Sanfelice

Professor titular em História da Educação UNICAMP/FE/DEFHE; Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas - HISTEDBR.  
e-mail: sanfelice00@hotmail.com

### **Resumo**

O presente artigo, reconhecendo a importância que os estudos históricos das instituições escolares vêm adquirindo no campo da historiografia educacional mais recente, busca realizar uma breve reflexão sobre os riscos teórico-metodológicos que podem comprometer o alcance de resultados cientificamente significativos para a área de conhecimento. Sem censurar as inovações, indica que é preciso entendê-las no campo do confronto ideológico que envolve a escolha de referenciais científicos. Espera-se trazer uma contribuição ao debate, com um posicionamento no âmbito do materialismo histórico-dialético.

### **Palavras-chave**

Ciência da história. História da educação. História de instituições escolares.

### **Abstract**

This paper, acknowledging the relevance that the studies about the history of school institutions have been acquiring in the field of the most recent educational historiography, aims to briefly discuss about the theoretical-methodological risks that can compromise the extent of scientifically significant results for the area of knowledge. Instead of criticizing the innovations, it points out that they must be viewed in the light of the ideological confrontation that involves the choice of scientific reference points. This work expects to bring some contribution to the debate, taking a position in the scope of the historical-dialectical materialism.

### **Key words**

History science. History of education. History of school institutions.

[...] o evento, o indivíduo e até a retomada de algum estilo ou modo de pensar o passado, não são fins em si mesmo, mas meios de esclarecer alguma questão mais ampla, que ultrapassa em muito o relato particular e seus personagens. (HOBSBAWM, 1998, p. 202)

Produzir o estudo da história das instituições escolares tornou-se uma prática bastante comum entre os historiadores da educação mais recentes. Já se somam às centenas os trabalhos que se abrigam sob este tema de investigação. Nosella e Buffa (2006) observaram, por exemplo, que essas pesquisas se desenvolveram, sobretudo, a partir dos anos 1990. Os motivos seriam a consolidação da pós-graduação, que levou a uma maior institucionalização da pesquisa acadêmica, e o estímulo favorável de uma possível crise de paradigmas, propiciadora de pluralismo epistemológico e temático, privilegiando o estudo de objetos singulares.

Pressupondo que Nosella e Buffa (2006) estejam corretos, quero entender que o estudo da história de uma instituição escolar é o estudo de um objeto singular, mas, como os mesmos autores sinalizaram, também um estudo que pode resultar de uma possível fragmentação que dificulta a compreensão do fenômeno educacional em sua totalidade.

Toda vez que observo o embate das posturas que os autores citados registraram, procuro deixar logo claro: nenhum objeto, por mais singular que seja, está interdito a um pesquisador que queira se comprometer com a visão de totalidade histórica; os objetos são o que são e se manifestam pela sua aparência e/ou essência.

As abordagens visando captar os objetos podem e devem ser múltiplas, pois são como instrumentos do pesquisador empenhado em captar o real tal como ele é. O alcance e os limites de cada abordagem se diferenciam e, em alguns casos, se esgotam já na constatação tão somente da aparência. O senso comum, por exemplo, pode ser resultante de uma abordagem mais precária, enquanto o bom-senso resulta de maior elaboração. O bom-senso pode dar origem ao conhecimento científico cada vez mais complexo, mas novas mediações são necessárias.

No sentido que acabo de explicitar, não vejo maiores dificuldades em aceitar a possibilidade de pesquisas voltadas para objetos singulares. Mais do que isso: vejo a possibilidade de se construir um conhecimento verdadeiro dos objetos. Um conhecimento verdadeiro para o(s) sujeito(s) que conhece(m) e que têm, sempre, certa relatividade, pois não seria a apreensão da totalidade da verdade. Mas, ainda assim, conhecimento verdadeiro e, portanto, sem a possibilidade de se constituir apenas em verdade subjetiva, ou seja, o relativismo da verdade de cada um: uma verdade, enfim, relativa, objetiva/subjetiva.

Preservados os espaços acadêmicos democráticos, nos quais os pesquisadores necessitam de liberdade para escolherem os seus objetos de pesquisa e fazerem suas opções de abordagens, gosto de lembrar que essa democracia e liberdade costumam ter condicionantes que as limitam. Cito três exemplos: a) objetos de estudo que se encontrem fora da moda acadêmica hegemônica podem não encontrar grande recepti-

vidade nas agências de fomento às pesquisas, quando os pesquisadores demandam recursos para seus projetos de investigação, pois as agências estabelecem prioridades; b) objetos e abordagens não contemplados pelo manto sagrado das linhas de pesquisa ou os grupos de pesquisa não credenciados podem ser consideradas pesquisas relevantes, bem propostas, mas para as quais não estão previstos recursos; c) difundem-se, entre os pesquisadores, certos modismos que sugerem a necessidade de se estar atualizado. Há uma sensação de que não aderir à moda ou à última influência da cultura européia ou norte-americana por aqui divulgada, torna-nos ainda mais subdesenvolvidos e dependentes. Há um olhar de desdém para com as resistências e os resistentes começam a ter seus espaços de debates, de apresentação de trabalhos em colóquios, jornadas, simpósios, seminários e congressos cada vez mais diminuídos. Uma boa desculpa nos dias de hoje para evitar a participação dos indesejados e/ou inoportunos é alegar que os ditos cujos não fazem a interlocução com a produção mais atual da área.

As observações acima não me impedem de constatar que o tema “história das instituições escolares”, no sentido em que apontei, está na moda, entre outros. Isso significa dizer que o tema tem bons espaços nas áreas acadêmicas, nas agências e nas editoras, por exemplo. Sem nenhum pudor, tenho orientado vários trabalhos, desde os de conclusão de curso (TCC), de mestrado ou mesmo de doutorado, especificamente tratando do tema em pauta.<sup>1</sup>

Assim posto, relembro que considero o estudo da história de uma instituição escolar o estudo de um objeto singular; que o estudo de um objeto singular não está interdito ao pesquisador que deseja se comprometer com uma visão de totalidade histórica, e que o estudo de um objeto singular pode ser também a opção por uma postura epistemológica fragmentada.

A questão central, a partir de agora, passa a ser a seguinte: que implicações decorrem de cada uma das opções acima? Trata-se, portanto, de uma reflexão epistemológica.

Segundo Nosella e Buffa (2006, p. 3), a postura epistemológica fragmentada vem se caracterizando por privilegiar temas como

[...] cultura escolar, formação de professores, livros didáticos, disciplinas escolares, currículo, práticas educativas, questões de gênero, infância e, obviamente, as instituições escolares. A nova história, a história cultural, a nova sociologia, a sociologia francesa constituem as matrizes ou a tela de fundo teórica das pesquisas realizadas.

Para os autores citados, a expressão cultura escolar, por exemplo, vem sendo usada como categoria abrangente e funcionam como categorias de análise:

o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; seu processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; a vida da escola; o edifício escolar: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; os alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; os professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; os saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos

de ensino; as normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; os eventos: festas, exposições, desfiles e outros. (Nosella e Buffa, 2006, p. 4)

Baseados na vasta experiência vivenciada na área da História da Educação e sendo profundos conhecedores do tema aqui abordado, Nosella e Buffa ponderam:

Constatamos que este tipo de pesquisa apresenta sérios perigos metodológicos, porque o envolvimento do estudioso é fácil; o difícil é produzir um resultado final crítico e proveitoso. Frequentemente, o pesquisador resvala em reducionismos teóricos tais como particularismo, culturalismo ornamental, saudosismo, personalismo, descrição laudatória ou apologética. (NOSELLA e BUFFA, 2006, p. 5)

Da minha parte, eu já havia apresentado trabalho na V Jornada do HISTEDBR<sup>2</sup>, afirmando que os caminhos de que o pesquisador dispõe para ingressar na história de uma instituição escolar são inúmeros. Conseguindo acessar a referida história, por toda e qualquer porta que se abra (entenda-se a diversidade de fontes) é necessário montar o quebra-cabeça a ser decifrado (entenda-se, compreendido e analisado). Mas, o mais importante naquela comunicação era minha preocupação em sinalizar como o pesquisador, após mergulhar profundamente no objeto singular, sai dele, ou seja, algo que Nosella e Buffa chamaram de “final crítico e produtivo”.

Tenho que reconhecer, como os autores citados fizeram que

[...] estudos e pesquisas que retratam, de forma curiosa, aspectos singulares da instituição escolar, em tempos diversos, são fascinantes e até sedutores. Quem não

gosta de saber como eram vestidas e educadas as crianças dos séculos passados e suas brincadeiras ou como as normalistas representavam a relação diploma-casamento? Ou ainda, quem não gosta de ver enaltecidos os fundadores de uma escola significativa para sua própria cidade? Ou, finalmente, quem não gosta de ver, consagrados em livros, nomes e fotografias de seus antepassados?

Estudos como estes agradam a inúmeros leitores. (NOSELLA e BUFFA, 2006, p. 5)

Até seria possível fazer uma consideração, neste momento, sobre o sucesso editorial e mercadológico que as pesquisas que contemplam novos objetos e novas abordagens conseguem, mas seria uma digressão um tanto grande. Persigo, então, a continuidade da reflexão<sup>3</sup>.

O pesquisador da História da Educação não necessita furtar-se à abordagem do objeto singular, embora, como já dito, haja riscos metodológicos e vacilos que comprometem o trabalho científico. É preciso enfrentar o desafio nodal:

[...] por mais sedutoras que sejam essas pesquisas, não se pode admitir que a descrição pormenorizada de uma dada instituição escolar deixe de levar o leitor à compreensão da totalidade histórica. A dificuldade principal reside exatamente aí: conseguir evidenciar, de forma conveniente, o movimento real da sociedade [...]. (NOSELLA e BUFFA, 2006, p. 5)

Corroborando perspectiva teórico-metodológica indicada acima, lembro da minha insistência contida no trabalho apresentado à V Jornada do HISTEDBR:

[...] a dimensão da identidade de uma instituição somente estará mais bem delineada quando o pesquisador transitar de um profundo mergulho no micro e,

com a mesma intensidade, no macro. As instituições não são recortes autônomos de uma realidade social, política, cultural, econômica e educacional. Por mais que se estude o interior de uma instituição, a explicação daquilo que se constata não está dada de forma imediata em si mesma. Mesmo admitindo que as instituições adquirem uma identidade, esta é fruto dos laços de determinações externas a elas e, como já dito, 'acomodadas' dialeticamente no seu interior. (SANFELICE, 2007)

De forma enfática, como foi sintetizado: "Defendemos uma linha metodológica que descreve o particular, explicitando suas relações com o contexto econômico, político, social e cultural, dialeticamente relacionados" (NOSELLA e BUFFA, 2006, p. 8).

Diante do exposto, posso sugerir a já constante imagem que nos é sempre lembrada. O pesquisador, quando está de frente para uma imensa floresta, pode ter duas posturas metodológicas: a) pretender conhecer a totalidade da floresta e, realmente, é uma pretensão inicial; b) ou já encantar-se com o primeiro arbusto e tornar-se um especialista daquele arbusto, esquecendo a floresta que nem mais vê. Enquanto no segundo caso a especialização levará à pobreza de interpretação, pois se perde a dimensão das relações múltiplas do arbusto com o conjunto da floresta, a primeira opção também pode começar pelo arbusto, mas caminha na direção do conhecimento da floresta: trata-se de atender à pretensão inicial.

O mesmo acontece com a história das instituições escolares. Como um arbusto da "floresta" social, política, cultural e econômica, a história de cada instituição escolar pode ser escrita, narrada, apresentada

em múltiplos e infinitos detalhes que são, muitas vezes, interessantíssimos e/ou curiosos. A pesquisa pode se deter aí, mas para uma opção metodológica dialética, não. Após o exaustivo levantamento e apresentação dos dados empíricos de um objeto singular – a instituição escolar – é ainda necessário explicitar suas múltiplas relações com o contexto. Repito: um contexto social, político, cultural e econômico, entre outros.

Por difícil que pareça a apreensão da dialeticidade da relação entre estrutura e superestrutura, entre sociedade e escola, fica claro que seu evidenciamento é o objetivo da ciência [...]. (NOSELLA e BUFFA, 2006, p. 13)

Resta-me, portanto, insistir na questão metodológica e/ou epistemológica, ou seja, na necessidade de se fazer da história das instituições escolares objetos singulares, um excelente exercício para que se possa iniciar e praticar as exigências da ciência da história. O objeto singular não se explica em si mesmo, por mais que eu possa narrar amplamente as características constitutivas de sua identidade. Uma instituição singular é instituída, por exemplo, por um ou vários grupos sociais, ou por uma classe social que, freqüentando-a, levam para o seu interior um mundo já estabelecido fora dela. O mesmo acontece com o conjunto de educadores que por ela transita. Mas não é só isso, pois as instituições escolares respondem a ordenamentos jurídicos e legais sobre os quais não tiveram poder de escolha. E há muito mais: há as políticas educacionais, há o Estado e, em última instância, há a determinação de um mundo da produção material sobre o qual as ins-

tuições e os homens se organizam e estabelecem suas conflituosas e antagonicas relações. É preciso atentar para o fato de que a instituição escolar exerce apenas uma parcela das práticas educativas que cada sociedade desenvolve. E, só se justifica o estudo histórico do objeto singular, no caso, a história das instituições escolares, se tais esforços trouxerem mais luzes para compreendermos o fenômeno educativo geral de uma sociedade historicamente determinada. Se assim não for, estudaremos o arbusto sem conseguir enxergar a floresta.

Novamente utilizo-me das palavras do autor já citado na epígrafe para sintetizar uma possível conclusão:

A nova história dos homens e das mentalidades, idéias e eventos pode ser vista mais como complementar que como substituta da análise das estruturas e tendências socioeconômicas. (HOBSEBAWM,1998, p.205)

Logo, passa a ser possível afirmar que tomar o complementar pelo principal

não é nenhuma necessidade da ciência da história, mas um embate que, em nome da ciência, se traduz, de fato, no campo das ideologias.

## Notas

<sup>1</sup> Alguns exemplos: ANANIAS, M. As escolas para o povo em Campinas: 1860-1889. Origens, ideário e contexto (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. ALMEIDA, C. C. A. de. Origem e fundação da 1<sup>ª</sup> Faculdade de Engenharia de Sorocaba: FACENS (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2006. DESSOTTI, I. C. C. História da educação de Votorantim: do apito da fábrica à sineta da escola (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2007. SILVA, F. C. A Faculdade de Tecnologia de Sorocaba: antecedentes e primeiros anos (1971-1981) (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2008.

<sup>2</sup> V Jornada do HISTEDBR – Grupo de Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, realizada de 9 a 12 de maio de 2005, na Universidade de Sorocaba – Uniso. Cf. Sanfelice (2007).

<sup>3</sup> Cf. Sanfelice (2006).

## Referências

HOBSEBAWM, Eric. Sobre história. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

LOMBARDI, José C.; CASIMIRO, Ana Palmira B. S.; MAGALHÃES, Livia Diana R. (Orgs.). História, cultura e educação. Campinas: Autores Associados, 2006.

LOMBARDI, José C.; NASCIMENTO, Maria Isabel M. (Orgs.). Fontes, história e historiografia da educação. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR; Curitiba: PUCPR; Palmas: UNICS; Ponta Grossa: UEPG, 2004.

NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester. As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico. In: Navegando na história da educação brasileira. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br](http://www.histedbr.fae.unicamp.br)>. Acesso em: 23 abr. 2008.

SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares. In: NASCIMENTO, Maria Isabel M.; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José C.; SAVIANI, D. (Orgs.). Instituições escolares no Brasil. Conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR; Sorocaba: Uniso;

Ponta Grossa: UEPG, 2007. p. 75-93.

\_\_\_\_\_. História, instituições escolares e gestores educacionais. In: Revista Histedbr On-Line. Número especial, ago. de 2006. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br](http://www.histedbr.fae.unicamp.br)>. Acesso em: 20 abr. 2008.

\_\_\_\_\_. Perspectivas atuais da história da educação. In: SCHELBAUER, A. R.; LOMBARDI, J. C.; MACHADO, M. C. G. (Orgs.). Educação em debate. Perspectivas, abordagens e historiografia. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 23-52.

**Recebido em 30 de abril de 2008.**

**Aprovado para publicação em 26 de maio de 2008.**

